

## Rede Urbana do Amazonas: a Dinâmica Comercial no Médio Solimões a partir de Tefé

Red Urbana del Amazonas: la Dinámica Comercial en el Medio Solimões a partir de Tefé

Amazon Urban Network: the Commercial Dynamics in the Middle Solimões from Tefé

**Eubia Andréa Rodrigues**

Professora Assistente da Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Tefé, Curso de Geografia. E- mail: [eandrea@uea.edu.br](mailto:eandrea@uea.edu.br)

Recebido: 13 de abril de 2018 Aceito: 01 de outubro de 2018  
Disponível on-line em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica>

**Resumo** – Ao comparar a atuação e a finalidade do capital externo no Amazonas, percebe-se que a estrutura urbana se diferencia aliada, também, as condições naturais. Não se pode falar da rede urbana do rio Solimões sem antes entender como se processaram as diferenças espaciais no Estado, em consequência de sua hidrografia. Portanto, o presente artigo tem como objetivo a exposição de um estudo sobre a rede urbana no Médio Solimões a partir de Tefé, considerando os aspectos econômicos, sociais e ambientais. Para o discurso sobre rede, pautamo-nos em Corrêa, Sposito e Schor que, juntamente com o trabalho de campo, nos proporcionou uma maior reflexão sobre a rede urbana no Médio Solimões, que tem Tefé como um importante “nó” desde o período da colonização, quando se consagrou como entreposto comercial. Entretanto, ainda são necessários estudos sobre todas as cidades do Amazonas, principalmente as que formam a região em questão, a partir de quem vivencia o lugar e a análise de suas particularidades, para contrapor-las com os estudos existentes, fazendo uma ressalva de que os resultados das pesquisas sejam, efetivamente, de qualidades, para posteriormente confrontar os dados e consolidar a proposta do NEPECAB para a estruturação urbana do Amazonas.

**Palavras chave:** Rede urbana; Economia; Médio Solimões; Tefé.

**Resumen** - Al comparar la actuación y finalidad del capital externo en el Amazonas, se percibe que la estructura urbana se diferencia aliada también a las condiciones naturales. No se puede hablar de la red urbana del río Solimões sin antes entender cómo se procesó las diferencias espaciales en el estado, como consecuencia de su hidrografía. Por lo tanto, el presente artículo tiene como objetivo la exposición de un estudio sobre la red urbana en el Medio Solimões a partir de Tefé, considerando los aspectos económicos, sociales y ambientales. Para el discurso sobre red nos dirigimos en Corrêa, Sposito y Schor, que junto con el trabajo de campo nos proporcionó una mayor reflexión sobre la red urbana en el Medio Solimões, que tiene Tefé como un importante "nudo" desde el período de la colonización, cuando se consagró como almacén comercial. Sin embargo, todavía son necesarios estudios sobre todas las ciudades del Amazonas, principalmente las que forman la región en cuestión, a partir de quien vive el lugar y el análisis de sus particularidades, para contrarrestarlas con los estudios existentes, haciendo una salvedad de que los resultados de las encuestas son efectivamente de calidades, para posteriormente confrontar los datos y consolidar la propuesta del NEPECAB para la estructuración urbana del Amazonas.

**Palabras clave:** Red urbana, Economía, Medio Solimões, Tefé.

**Abstract** - When comparing the performance and purpose of the external capital in Amazonas, it is perceived that the urban structure is also allied with the natural conditions. One can not speak of the urban network of the Solimões river without first understanding how the spatial differences in the state were processed as a consequence of its hydrography. Therefore, the present article has the objective of exposing a study about the urban network in the Middle Solimões from Tefé, considering the economic, social and environmental aspects. For the discourse on the network we are in Corrêa, Sposito and Schor, which together with the field work gave us a greater reflection on the urban network in the Middle Solimões, which Tefé has had as an important node since the colonization period, when was

consecrated as a commercial warehouse. However, studies are still needed on all the cities of Amazonas, especially those that form the region in question, from those who experience the place and the analysis of their particularities, to counter them with existing studies, making a caveat that the results of the surveys are effectively of qualities, to later confront the data and consolidate the NEPECAB proposal for the urban structuring of the Amazon.

**Key words:** Urban network; Economy; Solimões; Tefé.

## Introdução

Ao comparar a atuação e a finalidade do capital externo no Amazonas, percebe-se que a estrutura urbana se diferencia aliada, também, as condições naturais. Não se pode falar da rede urbana do rio Solimões sem antes entender como se processaram as diferenças espaciais no Estado, em consequência de sua hidrografia. É importante destacar que os rios, no Amazonas, são grandes aliados no processo de urbanização, pois o próprio desenvolvimento econômico tem criado possibilidade para exploração das hidrovias, que permitem uma integração e comunicação entre os diferentes lugares, considerando que o urbano se processa em meio as situações geográficas, ecológicas, históricas e culturais específicas.

São estas especificidades que tornam o espaço urbano complexo e difícil de ser analisado de maneira homogênea, portanto, passível de estudos particularizados. As características naturais da Amazônia influenciam diretamente nos contrastes socioeconômicos que permeiam a estruturação da rede urbana, seja ela em qualquer unidade federativa que compõe a região. É visível a existência de um contraste urbano que perpetua na estruturação da rede, sendo este contraste em função da articulação interna e da aproximação com o centro difusor do capital, considerando Manaus como este centro, no Amazonas.

A necessidade de particularizar à área de análise está atrelada aos contrastes espaciais oriundos da produção capitalista, pois, no Amazonas, é necessário definir um ponto em que são visíveis as contradições e as articulações urbanas. Este ponto é Manaus, uma vez que a partir dele temos áreas distintas que se estruturaram, particularmente, em função da hidrografia regional, possibilitando um fluxo mais intenso ou não, bem como áreas em que a hidrografia não passa de uma paisagem para a exploração do turismo e lazer, onde os fluxos de sujeitos e objetos são realizados, normalmente, vias aéreas e terrestres, não tendo o mesmo grau de importância como ocorre no Alto e Médio Solimões. Portanto, têm-se duas realidades urbanas distintas: uma ligada diretamente à utilização dos rios e outra voltada para a utilização das estradas, e tais vias são responsáveis pela articulação dos espaços inter e intra-urbanos, sendo que a primeira está atrelada à sazonalidade dos rios.

Este trabalho parte para uma discussão do urbano influenciado pela rede hidrográfica do rio Solimões, e Manaus se torna o centro divisor do urbano do Amazonas quando consideramos a articulação por estradas. O processo de industrialização vai proporcionar uma urbanização mais acelerada e contaminando as áreas próximas ao aproximar os lugares, principalmente às áreas que mantêm uma articulação mais intensa em função da produção, seja agropecuária ou mineral, como é o caso de Iranduba, Presidente Figueiredo e Itacoatiara, que foram facilitadas pela proximidade com a capital.

A articulação da rede nesta área é mais intensa e coesa, considerando a não existência de centros intermediários, pois todas as cidades, dentro desta perspectiva, estão ligadas diretamente a um único centro (metrópole) de acordo com o IBGE. A rede caracterizada pela circulação via fluvial, no Estado, é mais extensa e articulada considerando que a rede hidrográfica abrange toda extensão do Amazonas. As próprias condições naturais viabilizaram a estruturação da rede urbana, que foi sendo moldada ao longo do processo de ocupação portuguesa até aos dias atuais.

Durante o período de colonização da Amazônia, as expedições missionárias e militares percorriam os rios, iniciando o processo de organização em rede, em função da articulação entre os núcleos de povoamento que foram criados estrategicamente para assegurar a posse das terras para o governo português, implantando um padrão urbano voltado para a segurança territorial. Portanto, o objetivo inicial desta organização particulariza a rede em função da articulação via fluvial, principalmente na região oeste do Médio Solimões, sendo visível a articulação entre os mais distintos lugares nesta região onde “o rio comanda a vida”, segundo Leandro Tocantins (2000). Então, mesmo com todo o desenvolvimento na navegação, aliado ao processo de industrialização e urbanização, os lugares mais remotos parecem que adormeceram para o progresso, mas mantiveram-se articulados, seja através das canoas, “rabetas”, “deslizadores”, lanchas, rádios e, principalmente, em função do comércio dos produtos agro-extrativos.

Esta articulação se tornou mais intensa, especialmente, em consequência do desenvolvimento da economia gomífera, que consolidou vários centros produtores e intermediários da produção, caracterizando o padrão espacial definido pela rede fluvial, contrapondo-se ao padrão anterior, via sistema de “aviamento”, que intensificou as relações entre os mais diferentes lugares (“barracões dos seringais”, casas aviadoras nas sedes municipais, casas aviadoras de exportação e o mercado externo). Este processo caracteriza o que Corrêa (2006, p. 215) chama de “conjunto dentriticamente articulado de localizações, cujo papel mais significativo era o de viabilizar a extração de um excedente, que no plano regional garantia o poder econômico e político de uma elite mercantil”, e que, atualmente, não caracterizaria mais a organização em rede.

Sendo assim, este período intensificou a articulação e a consolidação da rede urbana do rio Solimões em função dos diferentes lugares que atendiam a este ciclo econômico, e que estavam diretamente ligados aos dois grandes centros exportadores em direção ao exterior. É importante destacar que mesmo com a estagnação da economia gomífera, os núcleos urbanos, com exceção de Manaus e Belém, principalmente nas áreas produtoras, permaneceram articulados, fortalecendo alguns núcleos. A cidade de Tefé vem se destacando, então, pela articulação via sistema de “aviamento”, desde o século XVII, já sendo ponto de comercialização na região dos produtos extrativistas.

Inicialmente, a rede urbana foi articulada em função dos fixos e fluxos de transporte em consequência da exploração dos recursos naturais da região, favorecendo a comercialização através dos “regatões” e, posteriormente, sendo fortalecida por outros elementos que articulariam o intercâmbio entre os lugares. Aliadas a rede de transporte fluvial e comércio, que caracterizam toda estrutura urbana no rio Solimões, vinculam-se outras redes (comunicação, através do rádio, telefone e televisão, rede bancária, além do transporte aéreo, rede de pescada), que integram as pequenas cidades que compõem a região. As figuras 1 e 2 identificam o espaço que está diretamente articulado com os grandes centros comerciais, financeiros e políticos. Sobre a articulação de variadas redes, pesquisadores do NEPECAB vêm realizando estudos que fundamentam as abordagens sobre a rede urbana da calha do Solimões-Amazonas, estudos estes que estão voltados para a análise dos arranjos institucionais ao permitirem uma reflexão para a compreensão do urbano no Amazonas (Figuras 1 e 2).

Atualmente, vários estudos e pesquisas vêm se desenvolvendo na região do Alto e Médio Solimões para entender o comportamento e as articulações das cidades, principalmente as que se localizam na calha do rio, percebendo-se que houve uma ampliação urbana revigorando os núcleos já existentes, e surgindo novos núcleos graças a uma revalorização comercial. Este processo se intensificou na região oeste da calha do Médio Solimões, área que abrange os municípios de Alvarães, Fonte Boa, Japurá, Juruá, Jutai, Maraã, Tefé e Uarini, principalmente depois dos desmembramentos do município de Tefé. Juntos, esses municípios se articulam em uma rede bem mais coesa, e a Tefé cabe o papel de centro articulador em sua área de influência, ou como descreve Sposito (2007), de “cidade média” com todas as características essenciais para tal definição.

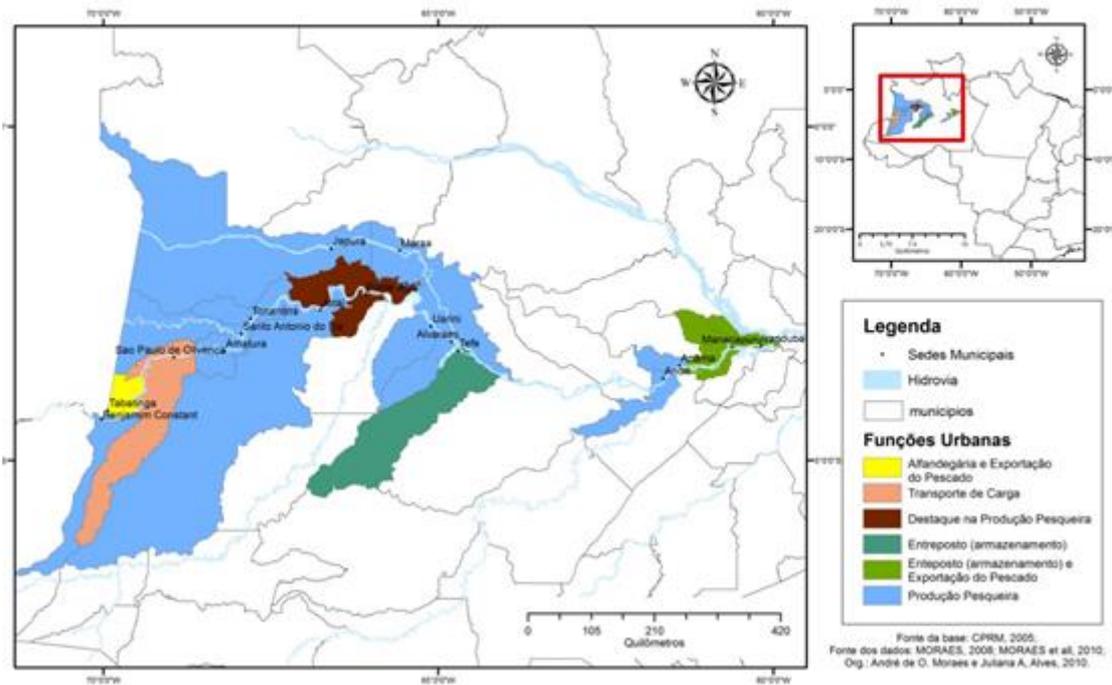


Figura 1 – Funções urbanas na rede de comercialização de Bagres.

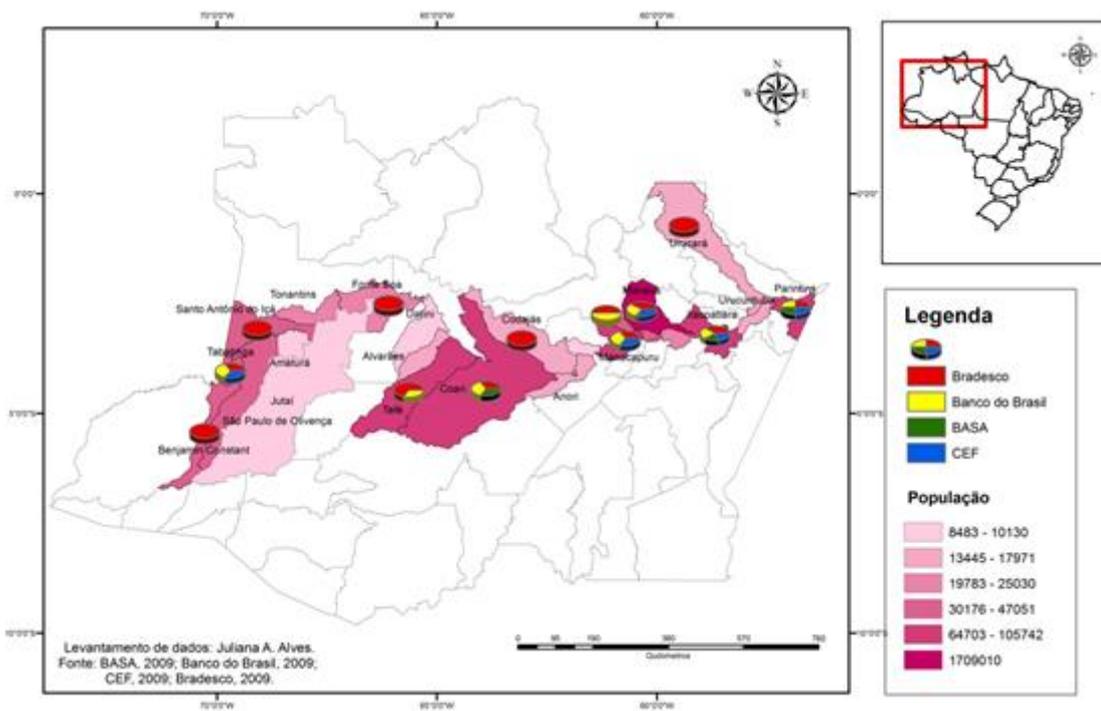


Figura 2 – Total de população e total de agência segundo o Banco – 2009.  
Fonte: Organizado por Juliana Alves, 2011.

Portanto, o que diferencia a rede urbana do Alto e Médio Solimões da rede urbana articulada, particularmente, por Manaus, são os meios de transportes, considerando que houve uma evolução tecnológica do transporte fluvial em função da velocidade – e as distâncias dos lugares fazem parte desta realidade. Assim, os barcos com motores mais velozes encurtaram as distâncias, mas mesmo assim não podem concorrer com as vias terrestres. Embora as cidades estejam distantes uma das outras, realidade muito diferente das regiões Nordeste, Sul e Sudeste do Brasil, elas mantêm uma conexão e integração do espaço via rio Solimões.

## **A Rede Comercial e a Rede Urbana em Tefé**

Com o processo de globalização vai se intensificando os fluxos que se movimentam em um emaranhado de redes, seja de transporte, de comunicação, de bancos, facilitando, assim, o intercâmbio entre os diferentes lugares.

Será descrita, então, a organização da rede comercial de Tefé e sua atuação nos fluxos da rede urbana do Amazonas, especificamente na região do Médio Solimões. Primeiramente, discutir-se-á, teoricamente, a categoria rede, pautada em Corrêa, que já possui uma discussão mais consistente em nível de Brasil sobre o tema. No segundo momento, discutir-se-á sobre a formação da rede de comercialização de Tefé e sua atuação atual, bem como de que forma contribui para a organização da rede urbana do Amazonas que, segundo Corrêa (2006), se estabelece em uma rede dentrítica pautada na Teoria das Localidades Centrais, formulada por Christaller, o que define, como já descrito, os estudos do IBGE (REGIC), do ReCiMe e do NEPECAB, e que se encontra incompleta, “em fase de elaboração de novo padrão de articulação interna”. Por último, será feita uma consideração pessoal sobre a questão, a partir de quem vive na cidade de Tefé e participa ativamente do processo, considerando que o mesmo é articulado não somente a partir da atividade comercial, mas dos serviços que se intensificam.

## **Uma Breve Discussão sobre Rede Urbana**

Do ponto de vista geográfico, para se entender a categoria rede é necessário definir a escala de análise, considerando que o estudo vai desde uma escala local, para uma escala global, ao entender que estes diferentes espaços estabelecem relações entre si, ou seja, que os micros espaços se inter-relacionam com os macros espaços, em consequência da funcionalidade que é possível ser verificada a partir dos fluxos existentes.

Segundo Corrêa (2006), a rede urbana da Amazônia é articulada favorecendo um padrão hierárquico, pois as cidades – com exceção das surgidas na segunda metade do século XX após a implantação das políticas desenvolvimentistas, que têm um passado histórico que sustenta suas importâncias e seus papéis na rede – foram originadas de aldeias que se transformaram em núcleos de povoamento, oriundos de uma missão religiosa ou fortificação militar, principalmente as do Médio Solimões. Desde então, já havia uma articulação entre as vilas e as cidades que surgiam ao longo da calha do rio principal e tributários, pois, segundo o autor:

uma rede dentrítica de localidades centrais caracteriza-se pela origem colonial, ou seja, é no âmbito da valorização dos territórios conquistados pelo capital europeu, que nasce e se estruturam uma rede dentrítica (CORRÊA, 2006, p. 43).

As cidades foram se transformando em consequência das mudanças no processo de ocupação e expansão, sendo que, de acordo com Oliveira (2000), as modificações espaciais estão atreladas ao processo de ocupação humana que foram acentuadas em quatro diferentes momentos, na Amazônia: inicialmente, no século XVII com a expansão portuguesa, seguida pela implantação das políticas pombalinas, no século XVIII, no século XIX com a extração do látex, e, por último, já no século XX as políticas desenvolvimentistas, embora esta população se apresente dispersa e concentrada em poucos núcleos ao longo dos rios, isto favorece a articulação e o seu papel funcional na rede, uma vez que estes núcleos estão distantes geograficamente.

No primeiro momento, estabelecia-se uma ligação com os mais distantes lugares em consequência da atuação jesuítica iniciada pelos espanhóis, como descreve Albuquerque (1942), sendo que o primeiro lugar, antes de adentrar à região fundada por eles, na pessoa de Samuel Fritz, foi a missão de São Joaquim de Omáguas, e posteriormente outras missões

foram fundadas até chegar a Missão de Tefé dos Aizuares. Entre elas, destacam-se a de Nossa Senhora de Guadalupe dos Omáguas, São Pedro de Ticuna e São Paulo de Ticuna, desta forma existia uma ligação entre os núcleos de povoamento fundados pelos espanhóis, articulados pelos fluxos de transportes e captura da mão-de-obra indígena, denominada de “descimento”, permitindo uma articulação entre os lugares – isto exemplifica uma organização em rede. Nas palavras de D’Orbigny (1976, p.58):

é em Ega que se encontra, em maior número, aquela classe de negociantes mestiços, chamados brancos, na região, compradores e vendedores de escravos. Zombando da lei pela qual os índios foram declarados livres, estabelecem, no interior, seus balcões e ali continuam o comércio de carne humana. Quando um branco tem necessidade de índios, seja para o cultivo de suas terras, sejam para oferecê-los aos agricultores que lutam com a falta de braços, trata de associar-se com três ou quatro mercadores do mesmo gênero, em nome dos quais, e no seu próprio nome, pede permissão para entrar nas missões indígenas, isto é, subir o Japurá, onde é mais intenso o tráfico de escravos. Obtida a licença, os brancos organizam uma pequena flotilha de canoas e tratam de navegar pelo rio. Nos lugares onde supõem que a floresta esconde uma tribo, deixam as canoas durante a noite, caminham, com guias, até a tribo e surpreendem os índios em suas redes.

A comercialização de escravos indígenas favoreceu o fluxo de informações entre as mais diversas áreas, no vale amazônico. Vale ressaltar que a rede é mais intensa e consistente, permitindo um maior fluxo entre os lugares, em regiões mais desenvolvidas que dispõem de infra-estrutura adequada e voltada para o mercado internacional, pois este impulsiona a melhoria nos transportes e nas comunicações, aumentando o fluxo de mercadorias e pessoas. E a região, naquele momento, não dispunha dos artifícios para uma intensa movimentação. A participação dos lugares nesta articulação vai de pequena, média e grande, dependendo de sua função, configurando, assim, uma rede urbana dentrítica de centros que perpetuará com maior intensidade durante o período áureo da borracha, como exemplifica Corrêa (2006), com a rede de Floriano, no Piauí e Maranhão comparando com a rede da Amazônia, através do sistema de “aviamento” regional.

Percebe-se que as redes não surgem por acaso, uma vez que são frutos do trabalho humano em espaços e tempos distintos, com uma diversidade de ações; estas ações influirão na funcionalidade do local e sua importância na rede. Independente das funções, os lugares centrais tornam-se nós na rede, que conforme Corrêa (2006, p. 30):

cada cidade da rede participa de algum modo e intensidade, pois suas necessidades estão vinculadas à produção, circulação e consumo, que favorece a existência de vários pontos, gerando o aparecimento de novos fluxos. Portanto, a funcionalidade da cidade não está relacionada “a divisão territorial do trabalho”, mas ao papel que cada uma exerce na rede urbana.

Em virtude disso, as cidades do Amazonas estão articuladas em consequência de sua funcionalidade, ou seja, do papel que exercem na rede através das atividades bancárias, comércio, serviços, saúde, educação, etc. No caso específico de Tefé, a função de “entrepósito comercial” sempre a privilegiou na estruturação urbana do Estado, apropriando-se da produção externa para consumo interno e circulação entre as cidades ao seu entorno, como descreve Eliseu Reclus, em suas anotações sobre o Brasil:

Tefé goza de [...] excelente posição comercial, no centro de uma rede de vias navegáveis, amplitude do porto formado pela lagoa profunda em que se despeja o rio Tefé, antes de unir-se ao Amazonas. Demais, é um encantador sítio de morada: cada casa tem seu laranjal, seu bananal, seu reservatório de tartaruga. Defronte, na margem ocidental da lagoa, está a vila de Nogueira,

famosa em toda a Amazônia por sua louça decorada de desenhos geométricos (RECLUS, 1899, p. 108-110).

Esta característica de “entreposto comercial” foi responsável, também, pela estruturação de outros meios, uma vez que o espaço geográfico é permeado por uma complexa mistura de redes e fluxos que interligam os mais remotos lugares, sendo percebido com maior ou menor intensidade.

A integração entre os lugares é a principal característica da rede e, ainda, tem o papel de definir o padrão da rede urbana. O tempo, aliado à produção e à circulação, é a variável que proporcionará a integração espacial. Isto é percebível no Amazonas, desde o período de ocupação portuguesa até a segunda metade do século XX, quando, no Estado, surgem as primeiras articulações via estrada de rodagem que, anteriormente, só era desenvolvida pelas vias fluviais, ainda predominando na integração no Médio Solimões, principalmente na região oeste da calha.

A integração das cidades do oeste da calha do Médio Solimões permitiu uma interconexão que identifica ou define a importância da cidade na rede, ou seja, não se pode dizer que uma determinada cidade tenha mais importância ou não que outra, na rede, mas as variáveis institucionais presentes no local viabilizam a sua função. Esta organização em rede, segundo Corrêa (2006) é analisada a partir das dimensões organizacional, temporal e espacial. Então, facilita entender que as cidades podem ou não perder sua importância, na rede, ou, então, ter uma função diferenciada, ou ainda consolidar sua função, contemplando a natureza social do espaço, ao considerar que a ação humana é diferenciada tornando o espaço também diferenciado.

Portanto, Tefé se destacou na comercialização dos produtos oriundos das vilas e cidades vizinhas, bem como de lugares mais distantes, como Pará e Loreto (Peru), permitindo uma articulação e integração econômica na região. De acordo com Anísio Jobim:

as outras vilas e cidades do interior, sobranceando rios e lagos, pouca ou nenhuma importância têm, como obra de arte, ou como empório de comércio, como centro de vida e de agitação de trabalho. Desde a fundação da Província até hoje, o progresso dessas unidades coletivas tem sido moroso, lento, retardado. Alguns vilarejos esboroam-se em ruínas. [...] Todavia, é preciso abrir uma exceção para duas ou três cidades, e entre estas figura a *urbs*. [...] É que o município de Tefé tem vida e um grosso movimento comercial (JOBIM, 1937, p. 10-12).

Embora Tefé tenha se transformado em um “empório comercial” desde o período de ocupação portuguesa, esta característica se intensificou nas últimas décadas do século XIX e início do século XX em consequência da produção para o mercado externo e diverso. Esta atividade lhe rendeu substantivos econômicos que firmaram sua característica comercial, pois a extração do látex da seringueira e da castanha-do-pará fomentou a economia e a articulação entre os mais remotos lugares na região. Esses produtos, sempre comercializados em grande escala, propiciaram um mercado efervescente, considerando que os primeiros comerciantes provinham de outros países e que aqui se instalaram e prosperaram.

Então, para um pequeno meio como Tefé, o movimento comercial era bastante desenvolvido, sendo percebidas três casas comerciais de certa importância, que eram as firmas: Túlio & Irmão, Abel & Irmão e José Antônio Háten, havendo, também, pequenos estabelecimentos menos favorecidos. Os grandes comerciantes compravam os produtos extrativistas e enviavam para Manaus, de onde seguia para o mercado externo. Segundo Ester Rezala (viúva do Senhor Jorge Rezala) e Roberto da Silveira (empresário de hotelaria), a articulação comercial nesta região era fortalecida com o comércio exterior, e as cidades ou áreas produtoras mantinham um intercâmbio consistente com as áreas exportadoras.

Em pleno século XIX, com as grandes embarcações à vapor, o comércio se intensificou realizando o transporte da mercadoria, da mesma forma que traziam os produtos industrializados. Os produtos do extrativismo animal (pirarucu), a castanha-do-pará, a sorva e a seringa, na maioria das vezes, eram comercializados diretamente com Belém do Pará através dos navios: Marapata, Teolinda e Dez. Todavia, percebe-se que os mais deferentes lugares estabeleceram relações entre si, neste caso, em consequência da produção do capital, com base na produção primária, impulsionando uma melhoria na infraestrutura viária e propiciando uma melhor articulação<sup>1</sup>.

Neste período, o sistema de “aviamento” facilitou o acesso aos lugares mais remotos em consequência da troca ou comercialização dos produtos, intensificando o intercâmbio comercial. Na cidade de Tefé, este sistema foi articulado entre os imigrantes que se tornaram grandes comerciantes, existindo, então, as “casas aviadoras e exportadoras” que, consoante Pessoa (2007), compravam toda a produção dos seringais e mandavam para o exterior, fornecendo mercadorias para os seringais, localizando-se em Manaus, entre elas destacam-se: J. G. Araújo, IB. Sabbá e Mansur Cheum.

Junto as casas aviadoras existiam as firmas que atuavam nas sedes dos municípios, as quais contratavam os seringueiros e lhes forneciam os mantimentos mais essenciais. Em Tefé, a firma que se sobressaiu foi a Hatem & Cia que, posteriormente, foi administrada pelo senhor Jorge Rezala, o qual se tornou o segundo maior latifundiário do Amazonas, segundo uma reportagem da revista “O Cruzeiro”, de 1972. Para sustentar as casas aviadoras existiam os “barracões dos seringais” administrados pelos “gerentes dos seringais”, que aviavam mais de 100 seringueiros, fornecendo os mantimentos a crédito. No centro desse sistema existia o “regatão”, comerciante ambulante que ia comercializando os produtos ao longo das margens dos rios; em um primeiro momento, os regatões utilizavam canoas a remo e, posteriormente, surgiram os barcos motorizados. Este personagem se tornou o principal agente articulador do espaço amazônico, favorecendo uma maior comunicação entre os diferentes lugares.

Com o crescimento econômico regional, proporcionado pela atividade extrativa descrita, favoreceu-se a abertura do rio Amazonas para o comércio que impulsionou a criação de várias companhias de navegação, entre elas a Companhia de Comércio e Navegação da Amazônia, criada pelo Decreto de n. 1.037, de 30 de agosto de 1852, permitindo a circulação de grande quantidade de “gaiolas”. O primeiro “gaiola” que aportou em Tefé foi o Marajó, que fazia linha de Manaus até Nauta, no Peru. De acordo com Souza (1989), em 1850 passou pela cidade um vapor com bandeira espanhola, procedente do Peru, o que permitiu comunicação direta com a região do Alto Solimões. A partir daí, surgiram outras embarcações que facilitaram uma maior articulação entre o Baixo e o Alto Solimões, favorecendo a Tefé ser o elo entre as duas regiões. Nesta descrição do processo de navegação, os “gaiolas” foram substituídos pelos “recreios” com transporte de cargas e passageiros. Assim, diversos “recreios”, cada vez mais velozes, foram surgindo e alcançando não só mais Tefé, mas as cidades vizinhas, o que possibilitou uma maior ligação e aproximação dos lugares<sup>2</sup>.

Com a sazonalidade das águas, as embarcações de grande calado encontraram dificuldades de aportarem na cidade, principalmente as que se originavam de Manaus, permitindo o desembarque de passageiros e mercadorias através das “catraias”, ou, então, descarregando na Barreira da Missão, que dá acesso à cidade pela Estrada da EMADÉ, e os passageiros que têm outros destinos (como Alvarães, Uarini e Fonte Boa) acabavam buscando as pequenas lanchas, que ficavam ancoradas nos flutuantes que se localizam no lago<sup>3</sup>.

Por via fluvial, os maiores problemas ocorrem durante a vazante, uma vez que aparecem os bancos de areias e, nesta região, os rios não são tão profundos. Percebe-se que mesmo com as dificuldades impostas pela natureza, o homem sempre busca meios para manter-se conectado e integrado à rede, neste caso à rede urbana do Amazonas, tendo Tefé como uma localidade central.

O crescimento econômico, proveniente da atividade comercial, e sua posição estratégica no Estado do Amazonas fizeram com que fosse implantado um aeroporto, facilitando um intercâmbio entre Manaus/Tefé/Iquitos (Peru). Portanto, o transporte aéreo foi introduzido para manter esta articulação e integração no espaço amazônico. Segundo Souza (1989), o primeiro avião que chegou a Tefé foi um Catalina, pertencente a Companhia Aérea Panair do Brasil S/A, em 1941, que fazia linha entre Manaus e Iquitos, com escalas em diversos lugares, passando por Tefé em determinado dia e retornando no outro. O avião era hidro, aquatizando no lago em frente a cidade, o que chamava a atenção da população que se reunia para observar a novidade.

O objetivo da vinda do Catalina era inspecionar lugares para consolidar a viação aérea entre Manaus e Iquitos. Com a construção do aeroporto, os Catalinas deixaram de operar e foram substituídos pelos Douglas DC-3, com maior capacidade de passageiros, os quais, mais tarde, deram lugar para os Boings 737, da Companhia Varig/Cruzeiro, que, inicialmente, disponibilizava três vôos até Tefé e dois a Iquitos (Peru), favorecendo a denominação de Aeroporto Internacional. É importante destacar a presença de várias companhias aéreas, como a TABA, a TAVAJ, a RICO na cidade, proporcionando emprego, além do fluxo de passageiros e informações vindos de Manaus e outros lugares do Brasil e do mundo, pois com o transporte aéreo foi possível a circulação de jornais vindos da capital.

Quanto ao transporte rodoviário, a cidade não dispõe de estradas longas ou intermunicipais, pois existem apenas três estradas que interligam as zonas rural e urbana, quais sejam: a Estrada do Aeroporto, com 6 km, a Estrada da Agrovila, com 16 km, e a Estrada da EMADÉ, com 21 km, todas pavimentadas, mas sem constante manutenção. Desta forma, muitas vezes, em decorrência das chuvas são abertas várias crateras ao longo das estradas, dificultando o tráfego, principalmente dos agricultores que utilizam os ônibus municipais para o transporte de suas produções<sup>4</sup>.

Portanto, é possível afirmar que as políticas desenvolvimentistas implantadas na Amazônia, a partir da década de 1960, facilitaram a penetração do capital externo pela implantação das rodovias estaduais/nacionais e megaprojetos agrominerais, de assentamento e industrial, que não consolidaram uma integração mais consistente, permanecendo a parte Ocidental esquecida dos projetos de desenvolvimento, em especial a porção oeste da calha do Médio até o Alto Solimões. Embora fora, a região permanece articulada e interconectada, favorecendo a organização espacial do Estado, em rede. Uma rede articulada a partir do comércio e dos serviços, além da articulação fluvial e aérea, permitindo conexão mais coesa, sendo, desta maneira, integrada à rede urbana do Estado do Amazonas.

### **Tefé como “Cidade Média de Responsabilidade Territorial”<sup>5</sup>**

Como descrito anteriormente, a produção da economia gomífera foi responsável pelo revigoramento de alguns núcleos de povoamento que, mesmo com a estagnação da borracha, conseguiram permanecer como centros difusores do comércio que estava voltado para a extração dos produtos da floresta. Consoante descreve Dias (2002) *apud* Corrêa (2006, p. 207):

tais núcleos, futuras sedes municipais, eram, em suas origens, pontos de comércio, por serem sedes de seringais. Todas ribeirinhas; todas em confluência de rios. Em terra firme ou várzea alta, constituíram-se, naquela época, em pontos ideais para a concentração da produção da borracha de uma pequena bacia hidrográfica, subsidiária dos grandes eixos transversais ao Amazonas.

Com esta característica surge Tefé, nesta região, como um grande “empório comercial”, inicialmente controlado por imigrantes que lá se estabeleceram, construindo seus estabelecimentos comerciais sortidos de produtos industrializados que eram trocados pelos produtos florestais, e que mantinham um intercâmbio com os mais remotos lugares da região, os quais foram responsáveis pelas melhorias urbanas na cidade, o que lhe rendeu o título de

“Princesa do Solimões” por ter abrigado a sede da Prefeitura Apostólica, já em fins do século XIX e início do século XX, que, de acordo com Teobaldino de Souza (1938) *apud* Albuquerque (1942, p. 21), Tefé:

está situada em uma península formada pelo Igarapé Xidaruni, afluente do rio Tefé, e pelo lago de Tefé, que forma no litoral uma encantadora baía, marginada por uma praia de areia muito alva e macia. Esta península, plana para Norte e Leste, é consideravelmente acidentada para o Sul e Oeste, formando inúmeras colinas, onde se respira um ar fresco e saudável. [...] As ruas estreitas e nem sempre dispostas em linha recta, são cobertas de um capim baixinho e compacto, semelhando a um tapete verde-claro que mão de fada viesse estender por cima delas [...] As habitações, quasi todas térreas, são geralmente construídas de taipas ou de tijolos, e cobertas de telhas de barro, e uma outra de telhas de zinco. Há, entretanto, mesmo dentro da Cidade, algumas habitações muito primitivas. [...] Os prédios que mais avultam pela fôrma airosa de construção e pelos cômodos que oferecem são os seguintes: o Seminário dos Padres do Espírito Santo, anexo ao prédio da Prefeitura apostólica, que é o melhor edifício de tôda a Cidade, e também o mais belo; o Convento das Irmãs Franciscanas, o edifício da Prefeitura Municipal, um sobrado onde funcionam os Correios e Telégrafos, a Delegacia de Polícia e Cadeia Pública, o Sobrado do Snr. M. A. da Silva Retto, dividido em duas partes, em baixo a casa de morada e comércio e em cima, Consulado da Colômbia, o chalé do Snr. Tércio Castelo Branco, o palacete do nr. Gabriel Ribeiro, a casa do Snr Soares de Pinho, a do Snr José Antônio Hátem e pouco mais. Importa salientar ainda o Mercado Público e a Coletoria.

Esses equipamentos urbanos só contribuíram para mascarar um urbano que foi-se constituindo em função da migração e comercialização dos produtos industrializados, e Tefé permanecia com as características rurais adquiridas desde o tempo da ocupação portuguesa. O fenômeno urbano vai se estendendo sobre o território a partir da concentração populacional em consequências dos arranjos institucionais que foram se instalando, oferecendo serviços para as cidades que mantinham, já, uma ligação comercial passada.

Desta forma, esses novos arranjos transformaram a cidade dando um caráter de uma maior funcionalidade, resultante dos novos sujeitos que irão redefinir as redes de circulação e consumo, as quais serão responsáveis pela centralização da cidade, como o IBGE, que a classifica como um centro sub-regional, concentrando as principais atividades da região, particularmente a atividade comercial, que se intensificou pelas exigências dos consumidores que levou a ampliação das relações não só mais internas, mas especialmente externas.

Com a ampliação e o fortalecimento das relações, houve a necessidade de uma maior articulação com o mercado nacional, via Manaus. Isso aconteceu, principalmente, após a implantação da Zona Franca de Manaus, uma vez que a cidade passou por uma reestruturação urbana expandindo seu sítio urbano, em consequência da população que se dirigia para Tefé em busca de melhores oportunidades, especialmente na área de educação e saúde que, desde o século XIX, tornou-se um centro de referência resultante dos trabalhos dos padres Espiritanos, atraindo um grande número de pessoas provenientes de comunidades rurais vizinhas que foram se instalando e proporcionaram um aumento populacional e uma expansão urbana.

Atualmente, a cidade conta com uma rede de ensino bem diversificada, indo desde o Ensino Básico ao Ensino Superior. Este segundo, ocorreu graças a atuação do Projeto Rondon, em convênio com a Universidade Federal de Juiz de Fora, iniciando os cursos de licenciaturas, o que atraiu estudantes de vários municípios de Amazonas, principalmente de Manacapuru e de Itacoatiara, cidades mais próximas de Manaus. Nos dias de hoje, temos a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) também oferecendo cursos de licenciaturas e de bacharelado. A atuação da UEA, na cidade de Tefé, só fortalece, ainda mais, esta

característica de localidade central e fomenta sua categorização de cidade média nos padrões, descritos por Sposito (2007), na região do Médio Solimões.

Percebe-se, desta forma, que não só o comércio favorece esta centralidade, pois outros elementos articulados também contribuem para que a rede urbana possa fluir proporcionando acessibilidade a todas as variáveis que constituem uma área urbana. Segundo Corrêa (2006, p. 124), “a concentração de atividades [...] representa a maximização de externalidades, seja de acessibilidade, seja de aglomeração. [...] e ainda hoje, para muitas atividades, uma localização ótima, racional permite uma maximização de lucros”. Portanto, essa acessibilidade e aglomeração permitiram que a cidade se transformasse em uma área de fixos e fluxos que viabilizassem a atração populacional caracterizando-a como “cidade média de responsabilidade territorial”, tipologia proposta pelos pesquisadores do NEPECAB pautados, metodologicamente, na Rede de Pesquisadores das Cidades Médias (ReCiMe). Assim, segundo Marinho e Schor (2009, p. 88):

essa tipologia pode tomar rumo de uma construção de tipos idéias de estilo Max Weber (Economia e Sociedade) ou pode simplesmente reconhecer padrões de funcionamento e de dinâmica urbana e caracterizá-los em tipos. É dessa segunda alternativa, a classificação que relaciona semelhanças e diferenças e a tipologia que reconhece padrões, que se estende o estudo da tipologia urbana para a Amazônia.

Um desses padrões de análise é a prática comercial, sendo favorecida pela aglomeração urbana que passou por uma grande transformação, pois o comércio que era realizado a partir das trocas de produtos florestais por produtos industrializados, foi sendo substituído por um comércio diverso. Em consequência das exigências do consumidor, os estabelecimentos comerciais foram se adequando a esta nova demanda que continua crescendo, principalmente as lojas de móveis e de eletrodomésticos que estão ligadas a uma rede de lojas originárias de Manaus, como é o caso da Loja Esplanada, além de outros produtos que são vendidos em forma de franquias, como é o caso do Boticário.

Então, a atividade comercial, além de ter mudado sua característica tradicional, foi responsável pela inovação de mercado. O comércio aliado a outros serviços, como hotelaria, restaurantes, pizzarias, danceterias, sindicatos e associações, delegacias, saúde, educação, transporte (aéreo, fluvial e intra urbano), Forças Armadas Brasileira, funerária, internet, gestão territorial, etc., e a forma como se articulam na cidade e entre as cidades da região, só culminam para uma categorização urbana diferenciada, a qual foi estabelecida pelo IBGE.

A aglomeração contribuiu com a expansão urbana fazendo surgir vários bairros para atender a este contingente populacional, que busca na cidade de Tefé meios, investimentos e sobrevivência. Estes bairros foram criados a partir de ocupação ilegal ou desapropriação de terras dos grandes latifundiários da cidade, além de loteamentos particulares. O mercado imobiliário na cidade cresceu em decorrência da implantação da 17ª Brigada de Infantaria de Selva, da Universidade do Estado do Amazonas e de outros serviços que o lugar oferece.

Atualmente, com a descoberta da jazida mineral do Ingá e de São Mateus, no rio Tefé, este mercado tende a aumentar com a atuação das empresas prestadoras de serviços aliadas a PETROBRÁS, aumentando, ainda mais, a responsabilidade que Tefé adquiriu ao longo dos anos de articulação socioeconômica nesta região.

Sendo assim, o foco deste trabalho é mostrar que a rede urbana da região oeste da calha do Médio Solimões, articulada por Tefé, tem se fortalecido e se articulado através dos fluxos e fixos associados ao dinamismo de mercadorias e de pessoas que ocorre diariamente entre as cidades que constituem a região, e entre estas e o mercado externo a partir de Manaus. De acordo com Corrêa (2006, p. 148),

os estudos sobre articulação no âmbito do espaço urbano dizem respeito a temas como o deslocamento de consumidores, a jornada de trabalho, e as interações interindustriais, entre outros. Têm sido realizados com cunho eminentemente funcionalista, como no caso dos estudos sobre fragmentação do espaço urbano, que têm apresentado fortes vinculações com o sistema de planejamento urbano.

Partindo dessa análise, a proposta de uma tipologia urbana para a realidade amazonense é caminhar em busca de propostas teórico-metodológicas específicas ou que se adéquem ao espaço local, pois como se percebe, o espaço urbano é um todo fragmentado, compondo áreas distintas que merecem um estudo particularizado, para, no entanto, encontrar formas que viabilizem uma definição ou a elaboração de conceitos mais específicos, ou seja, não se deve homogeneizar o espaço urbano e definir um perfil padronizado, como se observa a hierarquização urbana proposta pelos especialistas do IBGE.

Para chegar a tipologia de “cidade média de responsabilidade territorial” foi necessário recorrer à história de Tefé, e identificar se os arranjos institucionais permaneceram, desapareceram ou se transformaram durante os seus 156 anos de existência, pois, segundo Castro (2001) *apud* COSTA JÚNIOR; SCHOR, 2010, p. 12): “nesse sentido, mais importante do que saber quanto muda, é compreender o que muda e como muda”, e entender se esta mudança afeta ou não as relações entre as cidades que compõem a rede urbana.

### **Considerações Finais**

A urbanização é um processo que viabiliza a aproximação dos lugares, em função das trocas, fortalecendo uma relação de dependência que, independente da função de cada lugar, contribui para as mudanças mais expressivas do tecido urbano de qualquer lugar. Assim, entender o espaço urbano do Amazonas requer uma análise aprofundada e sistematizada, uma vez que é diferenciado pela rede de drenagem e pelo processo de urbanização tardio que se processou a nível nacional e que particulariza a Amazônia, considerando que sua economia teve como base o infinitivo de suas terras e dos recursos naturais.

Os rios, como recursos, são as estradas que interligam todos os lugares e os transformam em importantes “nós” em uma rede urbana hierarquicamente organizada, sendo estes “nós” caracterizados como cidades pequenas, médias e grandes, ou como centros subregionais (REGIC) ou, ainda, como “cidade média de responsabilidade territorial” (NEPECAB), caso específico de Tefé.

A classificação “cidade média” é viável em decorrência das variáveis e dos parâmetros definidos por Sposito (2007), considerando que os mesmos, distribuídos em diferentes eixos, facilitam uma análise de complementaridade que permeia a caracterização das cidades. Segundo a autora, estas variáveis distribuídas em ramos de atividade econômica, dinâmica populacional, equipamentos de infraestrutura e condições de moradia, isto é, articuladas entre si, definem o papel das cidades médias em uma região ou na rede urbana.

Desta maneira, e partindo da análise dos dados, foi percebida a disponibilidade dos equipamentos urbanos na cidade de Tefé e a utilização destes pelas cidades vizinhas, ou seja, Tefé disponibiliza os serviços para outras cidades, uma vez que estas não dispõem de tais equipamentos – caso verificado sobre as atividades bancária, previdência social, universidade, etc. A presença desses e de outros equipamentos urbanos e a articulação deles, fortalecem a caracterização de “cidade média”, sendo percebida sua centralidade na região do oeste do Médio Solimões.

Esta centralidade foi reconhecida pelo que o IBGE priorizou no seu conjunto de análise, sendo as prioridades: a gestão de território vinculada a uma gestão federal e

empresarial, e a ligação entre as cidades e as dimensões das regiões. Ao analisar as proposições definidas pelo IBGE, reconhecemos a presença, ou não, delas na cidade de Tefé, bem como a ausência nas cidades ao seu entorno; ausência esta que possibilita uma articulação direta entre as cidades, principalmente as mais próximas. Esta proximidade proporciona uma forte influência de Tefé sobre a região definida pela dimensão e, desta forma, consagra-se a cidade como um centro polarizador, ou melhor, caracteriza-o como um centro sub-regional.

Utilizando-se das duas propostas descritas, os pesquisadores do NEPECAB definiram um conjunto de variáveis institucionais que compõem uma planilha favorecendo uma pesquisa mais detalhada sobre as cidades da calha, ao analisar a disponibilidade e a articulação dos equipamentos. Partindo da análise destes, foi possível elaborar uma tipologia para as cidades do Amazonas, caracterizando Tefé como uma “cidade de responsabilidade territorial”.

Neste contexto, é viável a caracterização de Tefé como “cidade média de responsabilidade territorial”, uma vez que, diferentemente da configuração urbana das cidades ligadas pelas estradas, os rios da Amazônia desenharam uma estrutura urbana um pouco diferenciada, privilegiando algumas cidades e tornando outras dependentes socioeconomicamente, em especial em função das dificuldades básicas de infraestrutura, saúde, educação e amparo governamental. Partindo desta análise, percebe-se a influência que a cidade de Tefé exerce sobre as cidades vizinhas, proporcionando uma maior aproximação e uma integração mais coesa na rede urbana do oeste do Médio Solimões-Amazonas em função da oferta de serviços e comércio, considerando, ainda, que é uma das cidades mais antigas do Estado, participando de uma rede muito consistente e articulada da produção pesqueira e sua posição geográfica, uma vez que se localiza no meio da calha.

Todavia, a análise dos arranjos institucionais e das variáveis econômicas possibilitaram a elaboração de uma tipologia específica para o Estado, não descartando o que instituições como IBGE e ReCiMe produziram, mas reconhecendo que a região Amazônica necessita de um estudo mais particularizado, e que as cidades desempenham, dentro de uma hierarquia nacional, os mesmos papéis, mas não com a mesma intensidade, pois, segundo o IBGE, depende muito da área de influência e da dimensão da região.

A análise dos arranjos institucionais, segundo Marinho e Schor (2009), foi responsável pela classificação das cidades localizadas ao longo da calha do Solimões-Amazonas, caracterizando Tefé, assim como Parintins, como “cidade média de responsabilidade territorial”, sendo que as duas cidades se localizam em regiões distintas, tendo como elo principal a cidade de Manaus.

O resultado deste estudo é fomentar o que os pesquisadores do NEPECAB vêm desenvolvendo ao longo dos 15 anos de atuação no Estado, sobre a urbanização e uma tipologia mais específica. O estudo sobre a variável econômica do município de Tefé é só um dos vários arranjos institucionais que servem como base para a elaboração de uma tipologia específica para a rede urbana do Estado, e visa contribuir para identificar a funcionalidade do município na rede, além de aperfeiçoar outros estudos já feitos.

Entretanto, ainda são necessários estudos sobre todas as cidades do Amazonas, principalmente as que formam a região em questão, a partir de quem vivencia o lugar e a análise de suas particularidades, para contrapor-las com os estudos existentes, fazendo uma ressalva de que os resultados das pesquisas sejam, efetivamente, de qualidade, para, posteriormente, confrontar os dados e consolidar a proposta do NEPECAB para a estruturação urbana do Amazonas.

-----

## Notas de Referência

- <sup>1</sup> - Dados coletados em pesquisa de campo (junho de 2010).
- <sup>2</sup> - Dados coletados em pesquisa de campo (junho de 2010).
- <sup>3</sup> - Idem.
- <sup>4</sup> - Dados coletados em pesquisa de campo.
- <sup>5</sup> - O termo responsabilidade territorial utilizado neste sentido é oriundo da palestra do geógrafo Jan Bitoun: “Observar em redes: implicações políticas, geopolíticas e técnico-científicas” realizada no Seminário Internacional Cidades na Floresta, em 1º de dezembro de 2006, Belém/Pará.

## Referências

- ALBUQUERQUE, P.M.R.E. **Tefé e os missionários Espiritanos**. Tefé: Tipografia da Prefeitura Apostólica, 1942.
- CORRÊA, R.L. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- COSTA JÚNIOR, W.R.; SCHOR, T. **Espaço, cultura e o urbano para além dos limites metodológicos dos estudos sobre a rede urbana na Amazônia dos grandes rios**. PLURIS, 2010.
- D'ORBIGNY, A.D. **Viagem Pitoresca através do Brasil**. Trad. David Jardim. Apres. Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.
- JOBIM, A. **Panoramas Amazônicos III – Tefé**. Manaus: Tipografia Phoenix, 1937.
- MARINHO, T.P.; SCHOR, T. Segregação socioespacial, Dinâmica populacional e rede urbana na cidade de Parintins. **GEOGRAFARES**, Vitória, n. 7, p. 77-92, 2009.
- OLIVEIRA, J.A. de; SCHOR, T. Reflexões metodológicas sobre o estudo de rede urbana no Amazonas e perspectivas para a análise das cidades da Amazônia brasileira. **ACTA Geográfica**, Boa Vista, Ed. Esp. Cidades na Amazônia Brasileira, p. 15-30, 2011.
- PESSOA, P.L. **História da Missão de Santa Teresa D'Ávila dos Tupebas**. 1. ed. Manaus: Editora Novo Tempo LTDA., 2007.
- RECLUS, É. **Estados Unidos do Brasil: geografia, etnografia, estatística**. Rio de Janeiro: Garnier, 1900.
- SOUZA, A.C.G. de. **Síntese da História de Tefé**. Tefé, 1989.
- SPOSITO, M.E.B. (org.). **Cidades médias: espaço em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- TOCANTINS, L. **O rio comanda a vida**. 9. ed. rev. Manaus: Valer/Edições do Governo do Estado, 2000.